

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Maíra Marcondes Moreira

**O FEMININO E A POLÍTICA: ARTICULAÇÕES**

Belo Horizonte

2022

Maíra Marcondes Moreira

## **O FEMININO E A POLÍTICA: ARTICULAÇÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Psicologia.

Linha de pesquisa: Processos Psicossociais  
Orientadora: Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira.

Belo Horizonte

2022

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M838f      Moreira, Maíra Marcondes  
              O feminino e a política: articulações / Maíra Marcondes Moreira. Belo Horizonte, 2022.  
              102, 149 f.

Orientadora: Jacqueline de Oliveira Moreira

Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Lacan, Jacques, 1901-1981. 3. Psicanálise e feminismo. 4. Identidade (Psicologia). 5. Sexualidade. 6. Papel sexual. 7. Mulheres na política. 8. Ciência política. I. Moreira, Jacqueline de Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 159.9-055.2

Maíra Marcondes Moreira

## **O FEMININO E A POLÍTICA: ARTICULAÇÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Psicologia.

Linha de pesquisa: Processos Psicossociais

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira (Orientadora)  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Camila Rodrigues Jourdan (Banca examinadora)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Vladimir Pinheiro Safatle (Banca examinadora)  
Universidade de São Paulo

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Andréa Máris Campos Guerra (Banca examinadora)  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristina Moreira Marcos (Banca examinadora)  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Belo Horizonte, 19 de agosto de 2022

## RESUMO

A presente tese surge do diálogo e intercâmbio entre temas forçosamente apartados, o feminino e a política. Esta proposta foi dividida em dois ensaios autônomos, mas ainda assim ligados e consequentes. O primeiro deles, *Fins do Sexo: como fazer política sem identidade*, intenta extrair um modelo, a partir das modalidades lógicas de gozo apresentadas por Lacan, para se pensar a política. Foram então nomeadas as Política do Masculino e Política do Feminino, em que a última se divide em não-todo como suplemento ou como negação. A Política do Masculino diz do modo como a lógica masculina se ancora no patriarcalismo e na ideia de soberania e exceção, inscrevendo um corpo sexuado no corpo social, estabelecendo atribuições hierárquicas de gestão baseadas na diferença sexual, que foram incorporadas na racionalidade moderna do projeto burguês de sociedade. Ao passo que a Política do Feminino se refere àquilo que no sexual, na mistura traumática do encontro, despossui os corpos de seus predicados, de modo a afrontar a universalidade e os protocolos do Estado para o reconhecimento e o acesso aos direitos negando-o, mas não de todo, ou depondo-o totalmente. Já o segundo ensaio, *Cuidado com ele: Freud e o casamento entre a Mulher, a Mãe e a Natureza*, intenta extrair as máximas consequências do conselho de Freud às mulheres: que tomem seus maridos por filhos de forma a garantir um casamento bem-sucedido. Tratou-se de depurar como a Mulher, a Mãe e a Natureza se veem confundidas a ponto de Freud paradoxalmente incitar a figura interdita da Mãe em uma relação em que o sexo está suposto. Seria a Mãe tão material a ponto de obliterar a Inexistência da Mulher? Realizou-se então uma separação dos elementos morais e éticos presentes no cuidado, retomando o argumento de que a verdadeira feminilidade estaria nas concessões a favor do objeto; para então recuperar o sexual em sua força violenta e desestabilizante, questionando se a coletivização do trabalho de cuidado seria uma tarefa das mulheres com vagina, ou se caberia uma forma de desapropriação dos corpos como proposta na Política do Feminino. Ambos ensaios convergem no entendimento de que a razão moderna se serve da diferença sexual e dos lugares particularizados dos corpos na reprodução sexuada em suas formas segregadas, hierárquicas e exploratórias de gestão social, informando nossas crenças coletivas sobre o sujeito, os modos de ação política, e as formas de relacionalidade e de governamentalidade. A psicanálise introduz uma nova visada sobre o sujeito a partir do sexual de modo a desapropriar os corpos diante as atribuições feitas à eles segundo serventia. É mister

recuperar o sexual como potência corporificada para se pensar outras formas de vida, relacionalidade, ação política, cuidado e Comuns no agora e no porvir, menos assujeitadas e violentadas com o peso de sobredeterminações. Isso colocado, importa também tensionar a teoria psicanalítica sem fazer dela a protagonista de um projeto político, tomando-a como objeto ambíguo e fértil, cuja vitalidade só pode ser mantida nos embates que ela possa se meter de tempos em tempos.

Palavras-chave: Feminino, política, identidade, psicanálise, sexual.

## ABSTRACT

The present thesis emerges from the dialogue and exchange between forcibly separated themes, feminine and politics. This proposal was divided into two autonomous essays, but still connected and consequent. The first of them, *Ends of Sex: how to make politics without identity*, tries to extract a model, from the logical modalities of *jouissance* presented by Lacan, to think politics that we named as Masculine Politics and Feminine Politics –, in which the latter is divided into *pas tout* as a supplement or as a negation. The Masculine Politics is centered in the way that masculine logic is anchored in patriarchy and the idea of sovereignty and exception, inscribing a sexed body in the social body, establishing hierarchical management attributions based on sexual difference, which were incorporated into the modern rationality of the bourgeois project of society. While the Feminine Politics refers to the sexual as something that, in the traumatic mixture of the encounter, dispossesses the bodies of their predicates, in order to confront the universality and the State protocols for the recognition and access to rights by denying it, but still referring to it, or by deposing it entirely. The second essay, *Beware of Him: Freud and the Marriage between Woman, Mother and Nature*, tries to extract the maximum consequences of Freud's advice to women: that they take their husbands as children in order to guarantee a successful marriage. It was a matter of figuring how Woman, Mother and Nature are confused to the point that Freud paradoxically incites the forbidden figure of the Mother in a relationship which sex is supposed to happen. Would the Mother be so material as to obliterate the Inexistence of Woman? To answer such question, we tried to separate the moral and ethical elements present in care, resuming the argument that true femininity would lie in concessions in favor of the object; to then recover the Sexual in its violent and destabilizing force, questioning whether the collectivization of care work would be a task for women with vaginas, or if it could be a way of doing so by the expropriation of bodies of their sexed identities as proposed in the Feminine Politics. Both essays converge on the understanding that modern reason makes use of sexual difference and its particularized places in sexual reproduction to segregate in hierarchical and exploratory forms of social management, informing our collective beliefs about the subject, the ways of doing politics, and the forms of relationality and governmentality. Psychoanalysis introduces a new perspective on the subject from the sexual point of view that dispossesses bodies

according to how usefull they are. It is necessary to recover the sexual as an embodied power to think about other life forms, relationality, political action, care and Commons now and in the future, that are less subjected and violated with the weight of overdeterminations. That being said, it is also important to stress psychoanalytic theory without making it the protagonist of a political project, taking it as an ambiguous and fertile object, whose vitality can only be maintained in the clashes it may get into from time to time.

Key words: Feminine, politics, identity, psychoanalysis, sexual.

## **Apresentação**

Na presente proposta, pretende-se abordar as temáticas do feminino e da política em suas possíveis articulações. Ainda que em um momento inicial tal aproximação pareça inusitada, vale ressaltar que as teorias e movimentos feministas há muito se servem e apontam para o vínculo entre tais categorias.

Há um crescente interesse pelas questões relativas à luta feminista e emancipação feminina no contemporâneo. Contudo, apesar do feminismo enquanto práxis e teoria represente esta junção entre a política e o feminino, não se trata tão somente de investigar o feminismo ou de se apropriar de seus conceitos e metodologias na construção desta proposta: interessa o feminismo enquanto lugar de interseção destas temáticas. No entanto, é através dos aportes teóricos da psicanálise freudo-lacaniana que será feita tal investigação.

Compreendendo a importância de produzir academicamente conteúdos que dialoguem para-além da comunidade universitária, optou-se pela modalidade de apresentação de dois ensaios voltados para a publicação no formato livro. Considera-se que estes são relevantes para a divulgação da ciência pois logram maior alcance, acessibilidade e debate com os públicos especializado e não-especializado.

Em um primeiro momento, importa o ensaio “Fins do Sexo: como fazer política sem identidade”, qualificado pelo programa da PUC Minas em 2020 e publicado pela Autonomia Literária em 2022. Livro que avança nas teses construídas no livro “O feminismo é feminino? A inexistência da Mulher e a subversão da identidade”, publicado pelas editoras Annablume (2019) e Scriptum (2021), desenvolvidas pela discente durante o mestrado. Na ocasião, a autora propôs que o feminismo *queer*, pós-identitário, conforme problematizado por Judith Butler, opera dentro de uma lógica feminina, se apoiando nas proposições de Lacan no seminário XX.

O ensaio submetido para apreciação e avaliação é consequência do primeiro. Contudo, desejou-se prosseguir demonstrando não só que há modalidades lógicas de gozo inerentes às concepções sobre política e às possibilidades de ação política, mas também de propor um projeto político se servindo da teoria psicanalítica.

Neste estudo, argumentou-se que a diferença sexual se tornou crucial para os regimes de reconhecimento apoiados no paradigma liberal, ao mesmo tempo em que o sexual oferece linhas de fuga para tais regimes. Valendo-se das teorias feminista, psicanalítica e de autores contrários ao regime capitalista, foram elaboradas as Política do Masculino e Política do

Feminino, que por sua vez, se divide em duas: do não-todo como suplemento e do não-todo como negação.

Entende-se que a reflexão sobre o sujeito tem impacto direto no que se concebe por democracia e suas exigências de reconhecimento. Portanto, é a partir da concepção sobre o sujeito inaugurada por Freud que tenciona-se pensar a política e o modo como o sexual desestabiliza as demandas identitárias do Estado.

Já o segundo ensaio, “Cuidado com ele: Freud e o casamento”, ainda que alinhado à temática inicial, de estabelecer um vínculo entre o feminino e o político, utilizando das teorias feminista e psicanalítica, terá como objeto de investigação a questão do cuidado, tal qual tematizado pelo feminismo de inspiração marxista, nas relações heterossexuais e monogâmicas. A teoria psicanalítica dará substrato para realizar uma discussão acerca dos aspectos imaginários e libidinais que perpassam tais parcerias.

Parte-se de uma concepção de que o sexual é político, não com o intuito de moralizar ou de pedagogizar relações, mas de demonstrar que há efeitos naturalizantes de imposições sociais que produzem distinções econômicas e políticas sobre os corpos - mas que não alcançam fazê-lo de todo: *há uma impessoalidade no sexual*. Objetiva-se debruçar sobre as questões relativas ao trabalho de cuidado, reprodução social, patriarcado e divisão sexual do trabalho a partir das considerações psicanalíticas sobre o feminino, o masculino, a maternidade, o patriarcado e a parceria amorosa; que tanto em Freud quanto em Lacan coincidem com o casal hétero e monogâmico que contraiu casamento.

Apresentar-se-á a também como ficam as questões relacionadas ao desejo, ao falo e ao erotismo dentro de um casamento entre adultos com a marca da castração, a partir da recomendação de Freud de que para que um casal seja bem-sucedido é preciso que a esposa tome seu marido como filho e aja em relação à ele como mãe.

Não se trata de construir uma narrativa em defesa do casal heterossexual monogâmico, da instituição casamento ou de pensar formas para a sobrevivência do mesmo. Tampouco se trata de pensar saídas reformistas pela divisão das tarefas domésticas ou novas saídas *femininas*.

A fim de tensionar as possibilidades da noção de não-todo feminino serão discutidas as propostas em prol do Comum e como este se liga ao trabalho de cuidado ou ao trabalho afetivo. A primeira noção, de trabalho de cuidado, tem as mulheres cis como protagonistas e cuidadoras primárias de um projeto revolucionário, ao passo que a segunda noção, de trabalho afetivo, encabeçada por Hart e Negri, têm uma visão desgenerificada do trabalho. Jorge Aléman, em sua política do não-todo, se serve das teses apresentadas por Hart e Negri

na condução de um projeto Comum, em que algo do não-todo se faria presente, sem que esta fosse tarefa primeira ou de exclusividade das mulheres com vagina. A questão posta se dará na tentativa de pensar os limites das Políticas do não-todo como suplemento e negação, tal como apresentadas no primeiro ensaio, e trazer a seguinte pergunta: seria a categoria mãe tão ideológica a ponto de tornar-se a identidade Mulher?

Para dar encaminhamento a tais questões, optou-se pela forma ensaio porque esta era a forma exigida pelo conteúdo. Ou seja, interessa aqui tirar as consequências máximas do objeto ao qual se propôs investigar: a articulação entre o feminino e a política em diferentes âmbitos.

É preciso realizar uma defesa radical do ensaio não só pelo o alcance que publicações fora da academia são capazes de atingir, mas também para questionar os limites versados pela comunidade acadêmica enquanto comunidade de gozo; cujo linguajar não dialoga por vezes com o próprio público que visa descrever, ao mesmo tempo em que seus protocolos de pesquisa e escrita são por vezes rígidos demais quanto a forma, a ponto de distorcer o conteúdo.

Não se trata aqui de advogar pela faculdade do entendimento, até porque o ensaio encontra-se distante do paradigma comunicacional, e as versões moralistas que este pode assumir. Existe um limite diante do que é passível de ser homogeneizado, traduzido, transmitido, que é também inerente às dificuldades e complexidades do próprio conteúdo.

Se a academia por vezes cria comunidades de gozo no sentido de produzir uma linguagem própria que não dialoga para além dos confins das universidades e redes de pesquisa, parte se deve aos regimes de estratificação social e de verticalização do acesso aos bens - neste caso, o saber técnico, especializado e abstrato. Ou seja, este é um problema estrutural de uma sociedade atrelada ao capitalismo tardio e suas diferentes formas de determinação.

Enquanto a escrita de uma tese se endereça àqueles que, uma vez a tese aprovada, serão os pares de quem a produziu. O ensaio tem por privilégio estilístico poder se remeter a um endereço indistinto - o de não coadunar com nenhum particular ou universal. Essa negatividade interessa também por aquilo que a própria psicanálise, enquanto método, apreende da linguagem.

Esta compreende a linguagem enquanto evocativa, que se dirige ao Outro na espera de uma resposta que, necessariamente, falha quanto a intencionalidade da demanda. “*Peço que recuses*” importa também para a superação de processos infinitos de descrição, reconhecimento e consenso. São menos interessantes que se supõem as tentativas de produzir

algo pasteurizado, compreensível e, se não em concordância com os ditames da época, buscando o apaziguamento dos conflitos que precedem o texto.

Diferentemente dos regimes protocolares exigidos pela academia, o ensaio possui uma vivacidade que permite uma escrita constelar, em que os elementos retornam, se vão, e saltam ao texto como pedaços de real que, ainda que obedeçam a alguma linearidade, tem uma temporalidade outra, tal como a do inconsciente.

Considerando que a própria psicanálise é uma ciência fora do discurso científico, uma filosofia e uma antifilosofia, e uma psicologia e uma anti psicologia, ou seja, um objeto paradigmático da nossa sociedade, não se trata simplesmente da crítica acéfala aos modelos de racionalidade e avaliação. Até porque o rigor acadêmico é um dos antídotos para as doenças do senso comum, que não fazem mais do que reverberar o discurso dominante -, que é o discurso da violência trajado de “natural”, “voz do povo” e “voz de Deus”.

As escolas e institutos psicanalíticos se empenham em transmitir um saber cientes de que há algo que não pode ser de todo transmitido, muito menos pela linguagem acadêmica. Até porque o discurso científico não coincide com o discurso do analista. Ao mesmo tempo, isso não precisa significar o abandono do rigor a favor da escrita truncada, obscura, vazia de sentido, plena de jargões que se esvaziam pela insistência de sua repetição, e da má poesia que se pretende verdade.

Enquanto a poética possui sua função, o mesmo não pode ser dito sobre a má poesia: essa que não alcança nem o sublime e nem a verdade. Se os psicóticos não são poetas, também não serão os analistas os poetas, ainda que os três, psicótico, poeta e analista possam coincidir em um só corpo. Até porque a psicose diz de uma estrutura, e o analista só existe enquanto função, ao passo que o poeta talvez seja mais difícil de definir, haja vista a positividade terapêutica que alguns creditam à arte.

A própria posição do acadêmico e do intelectual não está tão garantida assim. Paulo Arantes discute longamente sobre essa questão no livro “O ressentimento da dialética”, para dizer também do papel que a intelectualidade assumiu em diferentes contextos, ora como uma classe burguesa, enfastiada, ociosa, ora como produtora de teorias úteis ao Estado que serviam, e por vezes como ligadas aos processos de crise, sem se verem diretamente atreladas à idéia de povo.

É crucial ressaltar que a ideia de povo não precisa se ver atrelada à construção de uma identidade nacional. Ou seja, não precisa ser ideologicamente constituída por uma visada conservadora e territorialista. Mas a distinção entre a classe intelectual e a classe trabalhadora

como necessariamente dissociadas serve à um projeto burguês. Essa antipatia promovida pelo Estado tem fins contrarrevolucionários.

Esses intelectuais chatos que dizem coisas incompreensíveis, abstratas e que ferem o senso comum, movem uma série de afetos que, por vezes, ao invés de proporcionar algum tipo de reflexividade à ponto de fazer com que a hostilidade se dirija àqueles que de fato suprimem a existência do povo, do qual o intelectual faz parte, se volte contra aqueles que buscam expor o quão ideológicas são experiências naturalizadas.

A exemplo disso, a abominável “Ideologia de Gênero”, encabeçada e encaminhada em larga escala pela extrema-direita, busca falsear e transformar os processos de exposição da estrutura ideológica na ideologia em si. Como se a própria crítica fosse ideológica no sentido de implantação de um projeto de uma suposta esquerda dominante, já que a intelectualidade conservadora há muito falhou em fazer reluzir teóricos conservadores consagrados.

Contudo, talvez a distinção entre o intelectual e o acadêmico seja justa, porém, na dificuldade em definir e distinguir os dois campos, grande parcela da população brasileira se viu revoltada contra as Universidades, seus cientistas e professores. Em parte pelo acesso restrito à Universidade, e por outro lado como forma de tentar equiparar opiniões pessoais e experiências pessoais à pesquisa científica e ao pensamento abstrato.

Dentre os caminhos traçados para a intelectualidade brasileira, têm-se a academia forçosamente distante do “povo”, os intelectuais na torre de marfim, os “filósofos” de auto-ajuda e/ou que conseguem reafirmar o senso comum através de um linguajar ao mesmo tempo chulo e rebuscado, e os comunicadores de esquerda que se empenham em transmitir, traduzir e se fazer entender.

Estes últimos, apesar de empenhados num projeto político emancipatório e de subversão dos meios de comunicação dominantes, por vezes encontram a própria questão do diálogo como horizonte limitante. Há coisas com as quais não se deve, nem se quer dialogar porque os processos de crise e de ruptura importam e são mais valiosos que o consenso a qualquer custo.

Há, no entanto, outra via que pode se percorrer e que já existe. O próprio Lacan, por exemplo, lançou mão de um gesto diferente do paradigma comunicacional, ao se lançar a falar na televisão o que mais tarde se tornou um texto emblemático. Quanto à forma, a fala surrealista, teatral, barroca e circular, que transmite sem intencionar entendimento e/ou concordância de seu interlocutor, é uma que exige algo de seu remetente para além das demandas de reconhecimento (de que Lacan tem razão!): exige que o outro pense!

O ensaio como forma também se vale de um respeito ao leitor. A de que ele é capaz de, ao interpretar, criar novas possibilidades retóricas para o que foi lido, associações inéditas, e erros vivos, mais vivos que a palavra morta! Hemingway dizia isso sobre seus leitores ao defender o minimalismo ao dizer que não é preciso dizer tudo, mas o necessário. Dessa forma, o leitor se torna parte ativa do texto ao preencher as lacunas com seus devaneios, por vezes mais brilhantes que o texto impresso.

Tais inquietações apresentadas aqui têm origem em um corpo que se viu, desde muito cedo, acusado de ser mulher, mas que encontrou na experiência erótica, afetiva e sexual, uma potência negativa da desposseção desta identidade. É claro que todos os corpos se deparam de alguma forma mais ou menos traumática com o sexual, este que não é reservado ao campo da diferença, mas da alteridade e da dissolução imaginária.

Decorre que recuperar o sexo para o interior dos debates sobre a política, seja apresentando sistemas, como no caso do livro *Fins do Sexo: como fazer política sem identidade*, seja para debater que fim se deu ao erotismo na experiência de institucionalização dos afetos através do casamento, importa para criar horizontes de transformação não limitados pelos modelos reformistas ou românticos.

Este feminino não referido ao genitalismo, “socialização”, feminilidade, mas sim atravessado por um gozo capaz de balançar e/ou desintegrar tais referências é o que possibilita trazer o desejo, a vivacidade e o tesão para a ação política como contraponto às demandas, ao vitalismo, e à gestão por parte do Estado.

## SUMÁRIO

<b>PARTE I</b>	<b>0</b>
<b>FINS DO SEXO: COMO FAZER POLÍTICA SEM IDENTIDADE</b>	
Prefácio por Rita Von Hunty	6
INTRODUÇÃO: Preliminares para uma Política do Feminino	10
O que seria então esta política?	13
Passo-a-passo	15
Um diálogo nada conciliador	17
Que <i>dizer</i> ?	21
CAPÍTULO 1 – Um sujeito para a cultura: a diferença sexual como pressuposto para o reconhecimento	27
1.1 Uma nova visada sobre o sujeito <i>ou</i> vocês só pensam naquilo	27
1.2 Freud explica: por que a diferença sexual?	32
CAPÍTULO 2 – Um sujeito para o feminismo	37
2.1 Uma velha visada sobre o sujeito: Liberté, égalité, fraternité – Para quem?	38
Liberté	39
Egalité	40
Fraternité	41
2.2 Feminino: o sexo que perturba a universalidade	42
CAPÍTULO 3 – Jogo de cartas marcadas	47
3.1 Psicanálise e Política?	47
3.2 O pai na psicanálise freudiana e o patriarcado	48
Patriarcado: conceito em disputa sobre a gênese social	50
O pai de Édipo: o corpo sexuado	51
O pai da Horda: o corpo social	53
3.3 A Política do Masculino: Gestão de Corpos e de Conflitos	54
CAPÍTULO 4 – A Política do feminino: Uma política que são Duas	58
4.1 Da constituição à descontinuidade: o sexual como despossessão	59
4.2 A Feminização do sujeito	61
4.3 A Política do Feminino: O não-todo como suplemento e como negação	63
O(s) não-todo(s)	67
Suplemento <i>versus</i> Negação	71

4.4 <i>Ni una Menos</i> : Nem matriarcado, nem matricídio	75
CONCLUINDO:	79
.retomando	79
.feminino, ainda?	80
.é preciso se ver atravessado pelo feminino para agir politicamente	82
.o feminismo é um dos nomes para a política do feminino	82
.democracia plena e um novo sujeito: alguma normatividade à vista?	85
.este não é um projeto político para a psicanálise e sim com a psicanálise	87
Glossário:	90
1. Política do Masculino	90
2. Política do Feminino	91
2.1 - Não-todo como suplemento	92
2.2 - Não-todo como negação	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93

**PARTE II** **103**

**CUIDADO COM ELE: FREUD E O CASAMENTO ENTRE A MULHER, A MÃE A NATUREZA**

Introdução: Baby Steps 6

CAPÍTULO 1: “Isso é coisa de m..” menina, mulher ou mãe? 28

1.1- A divisão sexual do trabalho 29

1.2- A menina e sua boneca: o treinamento informal 33

1.3- A mulher e a mãe: uma erótica higienista 35

1.4 - A mãe branca e a mãe preta: restos e a situação brasileira 40

CAPÍTULO 2: “A mulher sábia edifica a sua casa” 46

2.1- Mas e a família? 49

2.2- Servidão voluntária para quem? 54

2.3- Masoquismo (feminino? não, moral), cuidado e desamparo 60

2.4- Sofrimento psíquico e o cuidado 65

CAPÍTULO 3: A saída da feminilidade que serve aos homens 72

3.1- Freud para casais: um toque de incesto 76

3.2- Do falo-bebê ao homem-bebê: sua majestade 85

3.3 -Mas e o sexo? cu-i-dar 92

CAPÍTULO 4: A saída feminista é à esquerda: derrubando não-todas as portas 102

4.1- Trabalho afetivo, trabalho de cuidado... trabalho? 105

4.2- A Política do Feminino e a Mãe que persiste 113

4.3- Ainda falar de democracia? Representar a Mulher que não existe 123

CONCLUSÃO: jogando o homem-bebê com a água do banho fora – nutrindo

Comuns 139